

# É JUSTO UMA PESSOA REVOLTAR-SE

"É justo uma pessoa revoltar-se."

— Do Manifesto do Movimento da Libertação das Mulheres Internacional, para salvar a vida de Jiang Qing, viúva de Mao Tsé-tung.

Também é justo uma pessoa revoltar-se:

- Contra a fome.
- Contra a doença.
- Contra a miséria.

É justo uma pessoa revoltar-se:

- Contra o despotismo.
- Contra a incompetência.
- Contra a desorganização.

É justo uma pessoa revoltar-se:

- Contra a fome.
- Contra a doença.
- Contra a miséria.

É justo uma pessoa revoltar-se:

- Contra a corrupção.
- Contra o nepotismo.
- Contra a Censura.

É justo uma pessoa revoltar-se:

- Contra a polícia política.
- Contra a prisão sem culpa formada.
- Contra o genocídio.

O P.A.I.(G.)C. é um partido totalitário, que se vangloria de ser a "única força política dirigente da sociedade e do Estado".

O P.A.I.(G.)C. é partido único, corrupto, tirano, injusto, incompetente.

Beneficiando escandalosamente os dirigentes do partido, o governo totalitário do P.A.I.(G.)C. tem protegido e prestigiado uma elite constituída por familiares e amigos do presidente e de alguns ministros, concretizando assim um descarado nepotismo de que são exemplos os "clans" Pereira, Rodrigues Pires e Duarte.

Por má administração, incompetência e descaminho de dinheiros públicos, o P.A.I.(G.)C. tem-se revelado incapaz de resolver os problemas económicos e sociais das ilhas de Cabo Verde, onde imperam a fome, a doença e a miséria.

Sob o regime do P.A.I.(G.)C., o povo de Cabo Verde tem sido amordaçado pela Censura, submetido a torturas, levado a prisão sem culpa formada. Na Guiné-Bissau, como já é do domínio público, o P.A.I.(G.)C. levou a cabo o sistemático assassinato de opositores do regime, aos quais o primeiro-ministro Pedro Rodrigues Pires negou a dignidade e a condição humana ao classificá-los de "cães de duas pernas", dando assim o seu aval ao nefando genocídio.

Por tudo isto:

É justo e legítimo a todo o caboverdiano revoltar-se, LUTANDO, contra o governo ilegal, totalitário, corrupto, sanguinário do P.A.I.(G.)C.

Simon Segurinho



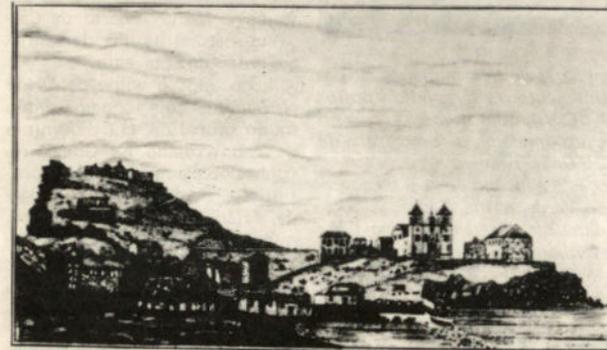
## N.º 3

# Folha U.C.I.D.

(União Caboverdeana Independente e Democrática)

31  
DE  
JANEIRO  
1981

## A MORTE DO P.A.I.G.C.



ILHA DE S. TIAGO, CIDADE DA RIBEIRA GRANDE  
— PRIMEIRA CAPITAL DE CABO VERDE —

O golpe de Estado que em 14 de Novembro eclodiu na Guiné-Bissau, sob a liderança de Nino Vieira, vibrou mortal machadada no p.a.i.g.c., pondo fim à hegemonia dos dirigentes caboverdianos do partido.

A Conferência-Congresso realizada na cidade da Praia na semana finda, com a presença actuante dos principais dirigentes do partido, limitou-se a sancionar uma situação de facto: o p.a.i.g.c., literalmente partido em dois após a revolta dos nacionalistas guinéus, estava morto, definitivamente morto. Urgia apenas enterrá-lo, com relutância embora, mas com o formalismo devido. Urgia também preencher o vazio deixado pelo defunto. Tarefa

melindrosa, desagradável, com ressaibos de derrota, na medida em que tal decisão representaria o fim da tese mais acalentada pelo p.a.i.g.c.: a mítica unidade entre a Guiné-Bissau e Cabo Verde. A própria Constituição recentemente imposta pelo partido ao povo de Cabo Verde teria de ser revista. Ficaria igualmente sem efeito todo o conjunto de estruturas supranacionais criadas (sem qualquer realismo, acrescenta-se) com vista à proclamada unidade.

Dá a prolongada Conferência (depois Congresso), os discursos intermináveis, as discussões inúteis, o palavreado estéril. De tudo resultaria, num parto prematuro e doloroso, um aborto: p.a.i.c.v. — o novo partido.

Nasce assim em Cabo Verde um novo partido, mas permanecem as "velhas" pessoas: Aristides Pereira continua a ser o secretário-geral, Pedro Pires ascende a secretário-geral adjunto, substituindo Luís Cabral, ainda detido na Guiné-Bissau, a pensar talvez muito seriamente nas palavras que em tempos escrevemos na revista "Nação Caboverdeana" (No. 5, Setembro de 1980), a propósito dos fuzilamentos dos nacionalistas guinéus, Luís Mamadu Conde, Alberto Pereira Junior e Usmane Balde: "Luisinho Cabral e os comparsas paigeicistas esquecem-se que quem fuzila, quase sempre acaba por ser fuzilado".

Assim, uma vez que continuam os mesmos dirigentes, a mesma estrutura partidária, o mesmo programa, sob a égide de uma Constituição que consagra o partido único e o totalitarismo, nada de novo trará o p.a.i.c.v. ao povo de Cabo Verde.

De qualquer modo, a morte do p.a.i.g.c. veio mostrar como é vulnerável o regime que, com o auxílio dos comunistas portugueses, foi imposto ao povo de Cabo Verde. A morte do p.a.i.g.c. veio mostrar que é possível derrubar o regime de força que, à revelia dos caboverdianos, tiraniza o arquipélago. Apenas é preciso que o povo de Cabo Verde o queira — com a determinação imposta pela razão, com a coragem que o desespero confere.